

---

# REFLEXOS DA VIVÊNCIA CABO-VERDIANA NA ESCRITA DE JORGE BARBOSA

---

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ\*

*Por ser desejado na perspectiva de um processo de melhoria de vida económica, o lugar de emigração concebe-se, pelo menos virtualmente, como permanência temporária.*  
(Carvalho, in Ceccuci 1995,13)

**P**retendemos, com este artigo, abordar a escrita de Jorge Barbosa, um autor que nela revelou a condição de ilhéu. Houve nele um conflito permanente entre a pequenez da ilha, marcada pelo sofrimento e a imensidão do mundo, que o mar separa. Vivendo numa “prisão”, projecta através da sua escrita algumas viagens imaginárias, num desejo evasionista, o que nos faz encontrar na sua obra uma interdependência entre um quotidiano marcado por factos reais e o sonho, na medida em que o sonho da partida alimenta soluções para a realidade vivida, embora nem sempre se materialize.

A sua produção literária é constituída por poesia, diversas crónicas de *S. Vicente*, cartas, alguns artigos, dois contos e um romance inédito, intitulado *Bia Graça*, que deixou por concluir e que se encontra na posse do seu filho Jorge Pedro, nos Estados Unidos. Publicou as obras poéticas *Arquipélago* (S. Vicente, 1935), *Ambiente* (Praia, 1941), *Caderno de um Ilhéu* (Lisboa, 1956) e deixou um conjunto de poemas inéditos, dispersos em revistas e jornais, como *Jornal da Europa*, *Seara Nova*, *Presença*, *Diabo*, *Cabo Verde*, *África*, *Mundo Português*, *Momento*, *Presença*, *Descobrimento*, *Cadernos de Poesia*, *Atlântico*, *Aventuras*, *Notícias de Cabo Verde*, *Mensagem*, *Boletim de Cabo Verde*, *Fradique*, *Clareza*, *Diário de Notícias*.

\* CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal. Bolseiro de Pós-Doutoramento financiado ao abrigo do projecto estratégico do CHAM (FCT UID/HIS/04666/2013). E-mail: [hluz@fcs.unl.pt](mailto:hluz@fcs.unl.pt).



Os inéditos ficaram entregues a alguns amigos e a obra *O Romanceiro dos Pescadores* ao seu grande amigo Joaquim Ribeiro, diretor do Centro de Informação e Turismo. Uma grande parte dos seus textos encontra-se reunida na *Obra Poética* (2002), organizada por Elsa Rodrigues dos Santos e Arnaldo França, tendo-se concretizado dessa forma um sonho antigo do autor, que pretendia juntar as três obras publicadas (*Arquipélago, Ambiente e Caderno de Um Ilhéu*) e alguns inéditos num único volume intitulado *Poesia Possível*.

O autor ganhou o prémio Camilo Pessanha com a obra *Caderno de Um Ilhéu*, em 1955, publicada numa fase em que já escrevia sem rima e em que abordava o quotidiano e o imaginário cabo-verdianos. Nessa obra, Jorge Barbosa manifestou a alma de um poeta que cantava as suas ilhas e que dialogava com intelectuais de outros países, nomeadamente do Brasil, dando lugar a uma escrita universalista.

*O Romanceiro dos Pescadores* chegou às mãos de Elsa Rodrigues dos Santos em duas versões, tendo a investigadora optado por publicar a que considerava a mais completa. No que se refere à temática em estudo, podemos referir que a vontade de partir faz com que muitos cabo-verdianos abandonassem uma posição económica estável por uma desconhecida o que, geralmente, se transforma em arrependimento. No entanto, esse desejo muitas vezes justifica-se pelos baixos salários, pelos dramas vividos e pelas próprias limitações que a insularidade cria no imaginário nacional e local. Há ainda os que partem influenciados pelos emigrantes que ao regressarem de férias exibem dinheiro, ouro e roupas novas.

Manuel Lopes vê grande relação entre o “instinto da expansão” do cabo-verdiano e a sua condição de ilhéu. Defende em “Tomada de Vista” que uma das razões que levava “o filho de Cabo Verde” a não se contentar com os “limites impostos pela sua terra” é a consciência da sua condição de colónia portuguesa, condição que contrasta com o nível de desenvolvimento espiritual desse povo. Assim, para o autor, a evasão é uma forma de libertação moral:

Mas há outra razão que deveria ser dita entre parêntesis, mais delicada e restricta, e já de ordem social, que o impele para fora. É um motivo experimental de libertação moral. Tendo

chegado a um estado de pleno desenvolvimento espiritual, a condição de colônia, que é a da sua terra cria nele uma convicção segundo a qual a acção é limitada e restringida. A sua ansiedade de partir é impulsionada em grande parte por uma espécie do que poderei chamar “libertação tabu”, (tabu no sentido de interdição). E então fora de Cabo Verde, não só no estrangeiro como na Metrópole, sente-se mais *ele mesmo*, não vê “contrariadas” suas possibilidades de realização (Lopes 1936, 5).

Esses mesmos imigrantes contam histórias extraordinárias do estrangeiro, alimentado a ideia de que é tudo uma maravilha. Essas narrações vêm de amigos e familiares que, muitas vezes, encobrem a realidade. Alimentados por essa ideia de paraíso, muitos dos que saem encontram, frequentemente, condições piores do que as que tinham na sua terra natal. Jorge Barbosa referiu na crónica “O transatlântico Vera Cruz”:

Levou e trouxe ainda os passageiros de sempre, de todas as classes, mescla humana onde se caldearam todos os sentimentos, almas embaladas por todas as fantasias, gente para que a viagem é a eterna procura, quantas vezes insatisfeita, da variedade e do prazer, a miragem da terra longe, o impulso, a esperança de vida melhor e, também quantas vezes, a desilusão e a derrota (Barbosa 1952, 11).

Todos assumem o compromisso de regressar à sua terra natal, embora isso nem sempre aconteça, o que leva Alberto Carvalho a considerar que: “O “afastamento” orienta-se pelo sentido de “ida” e consequentemente, a “aproximação” pelo de “vinda” [...]” (Carvalho in Ceccuci 1995, 13). Assim, segundo Manuel Lopes, o emigrante há-de regressar, como se nota na seguinte passagem:

Há-de voltar um dia. Daí a nostalgia. A resolução antecipada do retorno já é nostalgia em estado embrionário. À

obsessão de partir sobrepõe-se depois a obsessão de voltar, a *hantise* do regresso. A nostalgia nasce nele da resolução antecipada de voltar, tornando-se em consequência uma questão menos sentimental que moral, compromisso que é antecipação a uma inquietude futura, semelhante ao remorso” (Lopes in Ferreira 1986, 5).

Esses dois elementos — partida e regresso — constituem, de acordo com Alfredo Margarido: “dois pontos extremos de uma humanidade insulada” (Margarido 1990, 403). Portanto, o cabo-verdiano ao imaginar essa tão apetecida viagem projeta de imediato o seu regresso, o que o faz tentar preservar os seus traços culturais, mesmo fora do país. Se concretizar o seu sonho, sente saudades e sustenta a ideia de um regresso. Se não o concretizar, mantém no seu imaginário a saudade e a vontade de conhecer os países onde a vida é mais fácil.

O mar assume um papel preponderante, visto que ao aprisionar os cabo-verdianos no arquipélago, aumenta a imaginação de novos mundos, onde se possam enriquecer e travar novos conhecimentos. É esse mesmo mar, definido por Gabriel Mariano como “o mar doméstico, o mar sedentário das ilhas; o mar do veleiro; o mar calmo e *pachorrento* do *corcovado*, da *plombeta*, da *bicuda*; não o mar dos esqualos vorazes” (Mariano 1964, 11), que permite a sua saída, servindo de via de transporte e entrada da tão apetecida carta que, por vezes, traz o dinheiro da passagem de algum novo viajante. É ainda o mar que possibilita a entrada de veleiros e de passageiros, que infelizmente partem com “um sentimento de pena” (Barbosa 2002, 73), ao “ver a pobreza da terra” e ouvir e assistir os “Rumores de fainas marítimas / dos pescadores lançando / os botes ao mar, / dos veleiros cruzando / o arquipélago [...]” (*Idem*, 44).

Jorge Barbosa, como qualquer cabo-verdiano, viveu a condição de ilhéu marcado por situações de vária ordem. Houve, igualmente, com ele um conflito permanente entre a pequenez da ilha e a imensidão do mundo, que o mar separa. Assim, ao viver numa prisão, projeta através da sua escrita algumas viagens imaginárias, num desejo evasionista.

Desse modo, encontramos na sua obra uma interdependência entre um quotidiano marcado por factos reais e o imaginário, na medida em que a imaginação alimenta soluções para a realidade vivida, embora nem sempre se materialize. Assim, a sua obra tem sempre presente a questão da viagem.

O mar é, pois, o responsável pela sua concretização, ao servir de via por onde passam os “barquinhos”, no seu itinerário em direção aos outros países. Porém nem sempre chegam aos seus destinos. Daí que quando o viajante sai das ilhas deixe saudades e “rezas nos lábios” dos familiares e amigos, visto que muitos são os “irmãos” que não regressam mais, devido às adversidades que têm de enfrentar. Encontramos, assim, um mar-obstáculo, como podemos ver no poema “Irmão”:

Cruzaste Mares / na aventura da pesca da baleia, / nessas viagens para a América / de onde às vezes os navios não voltam mais. // [...] / Ser levado talvez um dia / na onda alta de alguma estiagem! / como um desses barquinhos nossos / que andam pelas Ilhas / e o Oceano acaba também por levar um dia! (Barbosa 2002, 12).

Os que regressam voltam gritando, principalmente da América, e originam lágrimas de felicidade nas faces de familiares e amigos, que os recebem com o estalar de foguetes. Essa felicidade demora pouco, visto que partem de novo, com o desígnio de prosperarem financeiramente. Deixam lágrimas de tristeza nas pessoas que os tinham recebido com alegria e vão com saudades das mornas de Eugénio Tavares, como se vê no poema “Ilhas”, dedicado a Jaime de Figueiredo:

— Seló... Seló! ... / *Americanos* que chegam... / Na balbúrdia do cais / há lágrimas de alegria, fugidios cristais / iluminando os olhos das mulheres... // foguetes / estalam no ar por toda a Brava / contagiando a harmonia / de cores / e de flores / da gracíssima paisagem. // E depois... lá vão / outra vez, / tristonhos, os

emigrantes... //: América! Mar largo! / Amores distantes, / saudades crioulas / das mornas de Eugénio! ... (Barbosa 2002, 40).

Muitos dos planos de viagem do autor mantiveram-se apenas na sua imaginação. Todavia, em 1954, Jorge Barbosa realizou uma viagem a Lisboa, onde ficou cerca de dois meses, deixando o isolamento das ilhas e partindo para uma viagem muito almejada, após anos de “reclusão”. Essa estada foi vista com satisfação, tendo sido publicados alguns versos seus no “Diário de Lisboa”. No “Diário Popular” foi publicada uma entrevista que explica a evolução literária do arquipélago, e aí também revelou que estava a planear essa viagem há dezasseis anos, como se nota na seguinte passagem:

Digo-lhe que estou a fazê-lo há 16 anos. Comecei por realizá-la um pouco na poesia, um pouco no sonho e, afinal, um navio fez o resto, uma vez que, tendo sido nomeado comissário do Governo de Cabo Verde para acompanhar emigrantes a S. Tomé, me foi possível regressar, via Lisboa. Em 30 dias, somente, não tive tempo para muitas coisas. Mas pude ver e sentir a bela cidade de Lisboa, a educação, a disciplina e o civismo do seu povo. Voltarei — sei lá! — talvez daqui a 36 anos, isto é, quando faltarem dez anos para 2000 (Barbosa 1954, 10).

A sua passagem pela cidade de Lisboa foi noticiada pela Rádio Jornal de Cabo Verde, onde foram destacados os vários momentos da viagem. Assim:

Deixando o arquipélago e a sua solidão de água amargosa, na imagem de outro poeta atlântico, Jorge Barbosa partiu para uma viagem da qual após dois meses em Lisboa, agora regressou a S. Vicente. [...] A passagem de Jorge Barbosa pelo meio literário de Lisboa foi marcada com o interesse devido à significação da sua mensagem poética: jornais como o “Diário de Lisboa” publicaram versos seus, com referências ao alto valor que só iguala a modéstia,

o “Diário Popular” inseriu uma entrevista do poeta, com interessantes afirmações sobre as circunstâncias que condicionaram a evolução da literatura cabo-verdeana, além de inequívocos testemunhos pessoais de apreço por parte de conhecidas figuras do mundo das letras. O poeta voltou agora para o meio da sua terra — a nossa terra pobre, ingrata, querida. (Spencer 1954, 8).

Encontramos vestígios dessa viagem concretizada no poema “Tarde na Vila do Conde”, onde nos conta detalhes de um passeio à beira mar que fez com três poetas portugueses (José Régio, Fausto José e Amândio César):

Eram uma tarde antiga / e um pôr-de-sol verdadeiro / ali na Vila do Conde. // [...] // Eram três poetas andando pela beira mar buscando / o refúgio por instante: / José Régio, o mais / dramático de todos, / Fausto José, do Douro / por nascimento e Poesia, / Amândio César, o mais / impetuoso de todos, / mas ali ao crepúsculo / como os outros também / esquecido e calmo. // Eram três poetas verdadeiros / e um outro, / menor e ilhéu / que o não era / mas fingindo sê-lo. // [...] // Três poetas, três nomes invocando / grandezas, guerras e domínios! / Régio — esplendores e mando, / batalhas e conquistas! / Fausto — ostentações e riquezas! / César — punhais e tirania! (Barbosa 2002, 349-351).

A estada em Portugal vem referida também no poema “A Casa de Azulejos Castanhos”:

Sucede que ao cimo / da íngreme estrada / há uma casa antiga / de azulejos castanhos, / sucede que há Luís / e Maria Helena Trigueiros, / sua companheira pronta / dos bons e maus dias, / camarada gentil / dos amigos de Luís. // [...] // É na época das férias, / aí por Setembro. / A casa antiga / de azulejos castanhos / fica no cimo / da íngreme estrada / em Bom Jesus de Braga. (Barbosa 2002, 347-348).

Por vezes a saída para terras longínquas, com que o cabo-verdiano tanto sonha, é a projeção de uma fuga idílica, sem destino certo, na qual não há concretização do sonho da viagem real. Trata-se de uma viagem *ilocalizada*, que representa uma *vontadi* desesperada de viajar, da qual não abdica, mas tendo presente o seu retorno às ilhas, como podemos ver no poema “Regresso”:

Navio aonde vais? / deitado sobre o mar? // Aonde vais / levado pelo mar? // Que rumo é o teu / navio do mar largo? // Aquele país talvez / onde a vida / é uma grande promessa / é um grande deslumbramento! / Leva-me contigo / navio. // Mas torna-me a trazer (Barbosa 2002, 122).

Assim, a partida, embora imaginária e sem destino certo, só faz sentido quando o regresso está projetado. O mesmo navio que o leva se encarrega de o trazer de volta à sua terra natal, o que é patente no poema “Serei Marinheiro”, dedicado a Daniel Filipe, onde apresenta o desejo de navegar em “rumos longínquos de todos os mares” e de regressar. O autor sonha o seu contacto com uma nova realidade e imagina-se a fazer confusão, a namorar diferentes mulheres e a fazer uma tatuagem em cada braço e no peito. São experiências que, depois, serão partilhadas com os que ficaram:

Serei marinheiro. / Navegarei / nos rumos longínquos / de todos os mares. // Em cada porto terei / uma briga e uma amante. / E em cada braço e no peito / uma tatuagem / [...] / Mas ninguém compreenderá / que é um poeta sonhando. // Nos intervalos curtos do regresso / contar-vos-ei tudo que eu vi: / a Sereia de cabelos de ouro / o lúgubre assombrado / sem vivalma a bordo / que navega ao crepúsculo / em certas paragens / dos mares do sul (Barbosa 2002, 117-118).

Esse desejo advém da sua fantasia de conhecer “cidades” e “terras distantes” de que ouve “ecos” e “rumores”. Apesar de se realizar apenas



em sonhos faz com que, aquando da saída das ilhas, represente a partida da sua terra também, simbolizada pela mala levada pelo viajante, como se nota no poema “Emigrante”:

Quando eu puser os pés no vapor que me levará, / quando  
deitar os olhos para trás / em derradeiro gesto de desprendimen-  
to, / não chorem por mim. // Levarei numa pequena mala / entre  
a minha roupa amarrotada de emigrante / todos os meus poe-  
mas / — todos os meus sonhos! // [...] (Barbosa 2002, 119).

Note-se, no texto, que o autor, ao traçar a sua partida, projeta de imediato a hipótese de regressar. Assim, a saída e o regresso estão interligados: “E se eu voltar / se voltar para a pobreza da nossa terra, / tal como fui, / humilde e sem riquezas, / também não chorem por mim / não tenham pena de mim” (Barbosa 2002, 119).

Se, por um lado, esse mundo exterior que “é uma grande promessa” faz o poeta sonhar em conhecer novos países e adquirir novas experiências, por outro lado ele vê-se insatisfeito, triste, saudoso, por não realizar o seu sonho, como se pode ver no poema “Nostalgia”:

Vejo apenas às vezes os barcos passando... / E fico por instan-  
tes / construindo / fantasiando / cidades / terras distantes / que  
apenas sei existirem / por aquilo que se diz... // Fico mais triste  
pensando / nessa viagem que não fiz (Barbosa 2002, 55).

Essa “nostalgia” resulta do mar que “insinua / horizontes para lá / do nosso isolamento” (Barbosa 2002, 47), deixando, por vezes, apenas o “Convite da viagem apetecida / que não se faz” (*Idem, ibidem*), portanto um “desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente” (*Idem*, 73). Daí o “desespero de querer partir / e ter que ficar” (*Idem*, 73) que originou a indecisão: querer ficar e ter que partir / querer partir e ter que ficar. Tratando-se de uma indecisão muito abordada pelos claridosos, resultou da condição

psicológica do islenho que, residindo num meio insular com escassos recursos, recorre ao sonho da viagem para adquirir a sua subsistência.

A chuva assume um papel preponderante, visto que se chover há comida, logo não há motivos para sair, embora haja essa vontade, como podemos verificar em Mané Quim. Trata-se de uma personagem da obra *Chuva Braba*, de Manuel Lopes que, de mala feita, desistiu de viajar para o Brasil com o seu padrinho assim que começou a chover, pronunciando as seguintes palavras: “Não é uma pouca de água. Choveu toda a noite. Chuva braba. O Ribeirãozinho deve estar a transbordar até o primeiro pilar, com certeza... É lá o meu lugar agora” (Lopes 1965, 249).

Se não chover não há comida, logo tem que se partir, apesar de haver a vontade de ficar. O cabo-verdiano parte de coração partido, como se pode ver numa passagem da obra *Famintos* de Luís Romano:

— Minha terra tem fala que está no sangue da gente: — Menino morrendo, secura a torrar o campo, homem dando e levando de chicote, toda esta grande estiagem, é falar que entra dentro do povo e pega para não deixar ninguém daqui. Este lugar não tem coisa nenhuma, a não ser maldade e afronta. [...] Pois, agora que eu vou embarcar é que eu sentindo saudade, pedindo, rogando para eu não deixar esta ilha. [...]. Terra tem poder que ninguém sabe onde está. Saudade é que dá cabo da criatura e marca destino de quase todo o filho daqui. (Romano 1983, 334).

Esse “desespero de querer partir”, característico do poeta cabo-verdiano, fê-lo idealizar outras encostas que se localizam no “acolá” do arquipélago: “Para lá da encosta. // E o caminho ao sol / é pedregoso e longo. // Mais acolá. // E a jornada não acaba / nunca mais acaba. // Não é aqui ainda. // É mais além / além / da árvore ao longe. // É mais além” (Barbosa 2002, 123).

A idealização do longe, embora *ilocalizada*, deriva, por vezes, da chegada de um barco ao porto:

O paquete fundeu no porto / mas é só por momentos / porque depressa partirá outra vez. // No rosto dos passageiros talvez transpareça / o cansaço das viagens, / mas quem chega da terra sente / na gente / e nas coisas do barco / a sugestão convidativa / das perspectivas longínquas...// [...] / Eu talvez me recorde dela / mais logo também, / à hora / de ouvir na telefonia esses rumores todos / que vêm / das terras distantes...” (Barbosa 2002, 88).

Tratando-se de uma vontade que prevê a ida e um regresso, de tão imaginada, transforma-se numa monomania. Em “Rua Morta”, o poeta escuta o chamado e começa a pensar na sua partida para a terra da felicidade:

Passou agora no céu / uma estrela cadente. // [...] // Sinto chamar / mais além / talvez por mim... / Pst!...// Esse apelo que sai da noite / não sei bem / se vem / de muito longe.../ [...] / Ouço ainda chamar timidamente / o mesmo apelo insistente...// Pssst... (Barbosa 2002, 64-65).

A viagem imaginária localizada pressupõe um ponto de chegada; o poeta enuncia os países por onde gostaria de passar ou que percorre na sua imaginação literária, como Alemanha, França, Inglaterra, Cuba, México, Argentina, Brasil, dando uma notação universal à sua escrita, embora não tenha passado do cais porque pensava no seu compromisso profissional, como podemos verificar no poema “Viagens”:

Lembro as viagens que fazia nos paquetes da *Blue Star* / quando escalavam o porto da ilha de S. Vicente. / Eram viagens que não passavam nunca do cais / mas punham um alvoroço bem grande no meu coração. // Ora seguia rumo à Europa, / Hamburgo, Paris, Londres... / Ora para Cuba, México, Argentina.../ Mas

para o Rio de Janeiro é que ia sempre de preferência...// [...]. // Foi afinal o livro do ponto / onde todos os dias deixava melancolicamente / a minha assinatura e a minha renúncia, que fez com que todas as viagens / nunca passassem do cais da ilha de S. Vicente... (Barbosa 2002, 121).

Essa visão universalista encontra-se, ainda, no poema “Boa Viagem”, dedicado ao seu amigo Gabriel Mariano, onde incentiva a partida do seu amigo e lhe pede para partilhar as suas experiências, através do envio de fotografias da Europa, África, América e Ásia:

Vai amigo / Pressinto / já longe / a tua figura / tímida / cruzando / meridianos invisíveis / nas distâncias do tempo. // [...] // Vai amigo! / vai / agora que és jovem. // E escreve / as paisagens / as maravilhas / os amores... // Manda Fotografias / de Paris / do Congo / de Nanquim / da Estátua da Liberdade / das Pirâmides / do Danúbio / da Grande Muralha. // [...] // Manda uma também do Imperador do Japão / vestido à americana. // [...] // Boa viagem! / Boa viagem! (Barbosa 2002, 290-293).

Estimula a saída do amigo enquanto jovem, dando-nos a ideia de que a projeção da viagem, como forma de adquirir novas experiências, que depois são partilhadas nos “intervalos do regresso”, se inicia muito cedo. Numa passagem da obra *Famintos* de Luís Romano, Carioca, uma personagem que trabalhava num vapor grego, conta uma das experiências por que passou:

Eu tinha fugido para o Brasil num vapor. Quando me pegaram, no fim de três dias sem comer nem beber, tive que sair para dar fé, o capitão mandou dar-me comida e depois descer para ir trabalhar junto dos foguistas como chegador. Havia lá em baixo um alemão forte e desaforado que gostava de mandar gente para a coisa-da-mãe, sem mais nem menos. [...] Um dia o alemão

chegou ao pé de mim e com uma faca raspou no meu braço para ver se a pretidão da minha pele saía como se fosse escama de peixe. Eu fiquei danado quando aquele filho-da-mãe me chamou de negro. [...]. Montei-lhe em cima e com uma pedra de carvão que Deus Nosso Senhor colocou ao pé de mim, machuquei-lhe a cabeça até fazer sangue como olho de água. (Romano 1983, 127-128).

A firmeza de andar por diferentes cidades, países e continentes, com o propósito de conhecer novos mundos e novas culturas, fê-lo conhecer “rumos longínquos / de todos os mares” (Barbosa 2002, 117). Em “cada porto” terá “uma briga e uma amante” (*Idem, ibidem*) São esses “rumos longínquos” que lhe permitem ver “a Sereia de cabelos de ouro / o lugre assombrado sem vivalma a bordo” (*Idem, 118*), o que, posteriormente, será partilhado com os que permaneceram “nos intervalos curtos do regresso” (*Idem, ibidem*).

Elsa dos Santos entende que esta aspiração à viagem define um caráter universalista:

Há um desejo de abarcar os vários pontos do mundo, talvez pelo seu interesse quer no aspecto cultural (a Europa, com as suas capitais) quer os países da América Latina que, na década de 50, oferecem política e socialmente condições para a democratização (a Argentina peronista e, mais vincadamente, o México) ou perspectivas de revolução (Cuba). Pelo menos, a escolha destes três países, entre os vários da América, poderá fazer-nos pensar deste modo, se lembrarmos a curiosidade sempre latente do poeta, atraído pela novidade e o desconhecido. Aceitamos, porém, que o poema não passe de vagabundeio sem conotação política (Santos 1989, 79).

De entre distintos pontos do mundo, manifestou maior preferência pelo Brasil, um país que teve um papel decisivo na sua literatura e que

recebia muitos emigrantes cabo-verdianos. A sua admiração pelo país fundamenta-se, ainda, nos seus sambas, na cachaça, que é análoga ao grogue do arquipélago, na sua imensidão. Por isso, projetou conhecê-lo para poder testemunhar as ocorrências quotidianas, tendo destacado a sua vontade em participar num dos eventos carnavalescos. Revelou também a intenção de falar com Manuel Bandeira, de fazer uma consulta com o Dr. Jorge de Lima, ambos poetas que muito o influenciaram, como podemos ver no poema “Você, Brasil”, dedicado a Ribeiro Couto:

Eu gosto de Você, Brasil, / porque Você é parecido com a minha terra. / Eu bem sei que Você é um mundão / e que a minha terra são / dez ilhas perdidas no Atlântico, / sem nenhuma importância no mapa. / Eu já ouvi falar das suas cidades: / A Maravilhosa do Rio de Janeiro, / São Paulo dinâmico, Pernambuco, Baía de Todos-os-Santos, / ao passo que as daqui / não passam de três pequenas cidades. // [...] // Nós também temos a nossa cachaça, / o grogue de cana que é bebida rija. / [...] // Eu gostava enfim de o conhecer mais de perto / e Você veria como sou um bom camarada. / Havia então de botar uma fala / ao poeta Manuel Bandeira, / de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima / este meu fígado tropical bastante cansado. (Barbosa 2002, 135-137).

É por essas razões que, no poema “Carta para o Brasil”, ao cuidado de Gilberto Freyre, Jorge Barbosa traça uma viagem imaginária para esse país. Neste texto, o autor narra a sua entrada de modo apoteótico na baía de Guanabara e conta com uma recepção entusiástica:

Estou a ver-me entrando no Guanabara / para essa visita finalmente / que eu tenho há muito tempo / guardada no meu desejo! // Não sei quando será. / Algum dia, meu Amigo, algum dia! // Quando o vapor atracar / [...] / Estou a ver-me entrando no Guanabara / a sentir-me já / dizendo baixinho: / — abençoi-me, Senhor! (Barbosa 2002, 133-134).

Também no poema “Carta para Manuel Bandeira”, o autor expressa a sua admiração e a sua vontade em conhecer este autor. Segundo Alberto Carvalho, esse poema resulta da

impossibilidade física do encontro directo e estimulante com os seus confrades resta a ordem da escrita, a escrita do outro em que ele se representa, e a sua própria escrita em que configura evadir-se para o espaço de “ele” com forma de “tu”, num diálogo inquieto porque é essencial à sua existência de “eu” poeta. (Carvalho in Ceccuci, 21).

No dito poema, “Carta para Manuel Bandeira”, Jorge Barbosa admite que leu apenas o poema “A Estrela da Manhã” e “alguns outros poemas” de Manuel Bandeira. Ele não o conhece devido à distância que separa os dois países e os seus planos de uma viagem manter-se-ão apenas na sua imaginação. Contudo, manifesta a sua disponibilidade para “procurar a Estrela da Manhã” e viajar até ao Rio de Janeiro para lha entregar e, de seguida, regressar à sua ilha. Manifestou, com essa vontade, a grande admiração pela obra de Bandeira e, de algum modo, a afiliação ao seu projeto modernista:

Nunca li nenhum dos teus livros. / Já li apenas / a Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus. / Nem te conheço / porque a distância é imensa / e os planos das minhas viagens nunca passaram / de sonhos e de versos [...]. / Eu faria por ti qualquer coisa impossível. / Era capaz de procurar a Estrela da Manhã / por todos os cabarés / por todos os prostíbulos. / E eu ta levaria / pura ou degradada até à última baixeza. / [...] / Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha (Barbosa 2002, 131-132).

Propõe-nos um jogo de ocultação desta relação com o poeta brasileiro, dizendo “nem te conheço”, mas contrastando essa afirmação com a referência a alguns elementos biográficos de Manuel Bandeira, nomeadamente

a sua presença “num sanatório da Suíça”, ao tentar tratar a tuberculose. A partir de 1944 viveu no Edifício São Miguel, Avenida Beira Mar, n.º 409: “Bateria de manso / à porta dos apartamentos de poeta solitário / ali na Avenida Beira Mar do Rio de Janeiro” (Barbosa 2002, 132).

Não conheceu Manuel Bandeira fisicamente, mas conheceu-o através das suas publicações, e essa afinidade resulta num exercício de cumplicidades poéticas. Sabemos que trocaram correspondência, como se nota na seguinte passagem de um texto publicado na contracapa do número sete da revista *Claridade*:

Oportunamente (se o tão desoladoramente desinteressado público do arquipélago permitir que esta revista tenha um mínimo de condições de vida e saúde) publicaremos um estudo em que será tratado o problema da existência, viabilidade e perspectivas de uma poesia caboverdiana, e nele será encarado o caso deste autêntico poeta, portador de uma rica experiência e, como dizia Manuel Bandeira em carta a Jorge Barbosa, pertencente ao número daqueles que, em “Claridade”, se têm mostrado quinhoados” de sensibilidade e técnica capazes de concorrer para o aumento do património da poesia portuguesa (Ferreira 1986, 52).

A intenção de Jorge Barbosa em procurar a “Estrela da Manhã” resulta de um poema de Manuel Bandeira com o mesmo título, onde o autor pede aos seus amigos e inimigos que o ajudem a procurá-la, por desconhecer o seu paradeiro. Em “Palavra Profundamente”, ocorrem outras menções ao autor brasileiro e a alguns poemas dele publicado em obras e textos diferentes: de *Libertinagem* (1930) “Vou-me Embora pra Pasárgada”, “Palinódia”, “Profundamente”; de *Carnaval* (1919): “Sonho de Uma Terça Gorda” e de *Belo Belo* (1948) “A Mário de Andrade Ausente”:

Há uma palavra que Manuel Bandeira descobriu / um dia na Poesia / e que poeta algum poderá mais empregar / porque ele só ficou sabendo / a seu respeito exacto / e o simples segredo da sua



expressão. // Palavra que não é Pasárgada / não é Primavera / não é nenhuma das suas / desconcertantes fantasias de evasão lírica. // [...] // Enquanto isto / Manuel Bandeira vai passando / por nós no tempo / na sua alegria melancólica / na sua alegria de coração apertado / vai passando / na Poesia / profundamente (Barbosa 2002, 301-302).

Estes poemas de Manuel Bandeira propõem um significado original para a palavra “profundamente”. Daí Jorge Barbosa ter referido que mais nenhum poeta a deveria usar “porque ele só ficou sabendo / o seu sentido exacto / e o simples segredo da sua expressão” (Barbosa 2002, 301). A predilecção pelo Brasil ficou igualmente patente no poema “Elegia”, onde mostra o seu apreço pelo escritor Jorge de Lima, que considerava humilde e um grande poeta desse país:

Os caminhos eram vários / da tua poesia / mas uma só convergência / adeus Jorge de Lima // poeta do meu nome / mil vezes mais poeta / na humildade e poesia / adeus Jorge de Lima // [...]// áurea estrela luzindo / era o clarão e o guia / da tua poesia / adeus Jorge de Lima (Barbosa 2002, 303).

O último poema que ilustra a presença do Brasil, mais concretamente de Manuel Bandeira, na escrita de Jorge Barbosa, é “Carnaval do Rio de Janeiro”, dedicado ao seu amigo Jaime de Figueiredo. Trata-se de um texto em forma de epígrafe, onde encontramos partes de uma carta escrita ao seu amigo e em que lhe conta o contexto da sua produção. A sua imaginação fê-lo ver e sentir um momento festivo do Rio de Janeiro, em pleno Carnaval. Sentindo-se angustiado, devido à falta de livros, a sua neurastenia dá-nos a ideia de alguma debilidade física. Assim, essa viagem imaginária para o Brasil é uma forma de escapar aos seus problemas diários:

Segunda-feira de Carnaval. Noute. Suspendo uma pacata paciência que fazia, para esquecer, a neurastenia e a falta de

livros. E escrevo este poema, que me lembrei de te enviar. É que a tua pessoa está neste momento mais viva na minha imaginação (veio de ter estado com o Fausto, chegado hoje, a falar de ti). Vou continuar, não sei se a paciência, se a poesia ou se a neurastenia. A dama de copas à minha frente chama por mim. É uma triste rainha com uma rosa na mão direita (Barbosa 2002, 345).

Jorge Barbosa revela-nos o contraste entre o tempo vivido e tempo pensado. Assim, para fugir do tempo que já viveu, inventa um novo tempo onde o carnaval, símbolo cultural de um país distante do arquipélago, representa um reencontro com o “folião” que já foi. Nessa viagem imaginária, descreve detalhes de um ato festivo que muito influencia o carnaval das ilhas, principalmente o de S. Vicente:

Carnaval do Rio de Janeiro / Eu te vejo eu te sinto // Rei Momo que eu vejo! / Grande taça do rei Momo / nas suas mãos sustida // [...] // Multidão vibrando / mascarado passando / sambando / — que eu vejo / que eu sinto / daqui de bem longe! (Barbosa 2002, 345-346).

Em jeito de conclusão refira-se que estas viagens foram apenas projetadas e realizadas na sua imaginação poética. O desejo de viajar e de evasão, partilhado por todos os cabo-verdianos, advém de uma herança histórica, de um quotidiano monótono e sofredor. Daí o desejo, o anseio, de navegar, de partir para “os rumos longínquos”, num puro “reflexo do espelho” fantasiado dos que estão longe e que ilude os que permaneceram nas ilhas ansiando fazer essa viagem, quem sabe “na proa” de um barco, “fumando um cachimbo”.

Em forma de conclusão, diríamos, ainda, que Onésimo Silveira perde razão quando defende que Jorge Barbosa “preocupado com uma descrição típica das realidades insulares, jamais fez senão exportar um retrato social esbatido do cabo-verdiano de quem, aliás, nunca ofereceu outra coisa que um enganoso e romântico estereótipo” (Silveira 1960, 12). Na verdade,

ele foi um autor que incorporou todos os tipos de sonhos, de aspirações, de retratos, episódios e realidades na sua escrita. Assim, Jorge Barbosa, um poeta profundamente marcado pela história do seu povo, mergulhou nas águas mais profundas de si próprio e dos seus “irmãos anónimos”.

## BIBLIOGRAFIA

- Barbosa, Jorge. 1954. “O ambiente literário cabo-verdiano e a influência brasileira segundo o poeta Jorge Barbosa”. *Cabo Verde* 61: 10-12.
- Barbosa, Jorge. 1952. “O transatlântico Vera Cruz”. *Cabo Verde* 32: 11-12.
- Barbosa, Jorge. 1956. “Os nossos barquinhos”. *Cabo Verde* 76: 31.
- Barbosa, Jorge (org. de Arnaldo França e Elsa Rodrigues dos Santos). 2002. *Obra poética*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda.
- Ceccuci, Piero di. 1995. *Conscienza nazionale nelle letterature africane di lingua porthogese: ai internazionale*. Roma: Bulzoni Editori.
- Ferreira, Manuel (org. coord. e dir.). 1986. *Claridade: revista de arte e letras*, 2.<sup>a</sup> ed.. Linda-a-Velha: ALAC.
- Margarido, Alfredo. 1980. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de lingua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Mariano, Gabriel. 1964. *Uma introdução à poesia de Jorge Barbosa*. Praia: Minerva.
- Spencer, Maria Helena. 1954. “Rádio jornal: uma experiência de Jorge Barbosa (Programas organizadas por Jaime de Figueiredo)”. *Cabo Verde* 61: 8.

---

# RELATIONSHIP BETWEEN ETHNOGRAPHY AND LITERATURE: A THEORETICAL REFLEXION\*

---

GREGÓRIO TCHIKOLA\*\*

## Introduction

This paper readdresses the old issues concerning the theoretical relationship existing between ethnography and literature. It reviews key concepts in these fields (literary theory, literature and literary criticism, ethnography and fiction, social construction and representation theories).

Through the years I have not been alone in thinking about the relationship of anthropology, ethnography and literature. In fact, many critics have commented constructively on this relationship.<sup>1</sup>

The re-examination of ethnographic texts has brought up complex questions about science and art, projection and distortion, truth and fiction. Many voices in this conversation have addressed the purposes and weaknesses of the writers of ethnography and anthropology, their class, gender and cultural biases, their status as outsiders, and their ways of

\* This paper is part of the second chapter of my Doctorate thesis under the title “Chinua Achebe and Ruy Duarte de Carvalho: A Comparative Study of Things Fall Apart and Vou lá Visitar Pastores.”

\*\* Universidade Lueji A'Nkonde, Angola. E-mail: [tchikola@yahoo.co.uk](mailto:tchikola@yahoo.co.uk).

<sup>1</sup> This relation was namely discussed in the works of Sir James Frazer and Ruth Benedict, *Between Anthropology and Literature Interdisciplinary Discourse*; John Leavitt's *Poetry and Prophecy: The Anthropology of Inspiration* (1997); Nathan Tarn's *Views from the Weaving Mountain* (1991); also in some edited works like *Anthropology and Literature* (1993), edited by Paul Benson; *Literature and Anthropology* (1989), edited by Philip Dennis and Wendell Aycock; *Literary Anthropology* (1988), edited by Fernando Poyatos; *Victor Turner and the Construction of Cultural Criticism: Between Literature and Anthropology* (1990), by cultural critic Kathleen A. Ashley.



structuring their texts (Benson 1993; Clifford and Marcus 1986; Marcus and Fischer 1986).

Some contributors to this dialogue have explored the use of the ethnographic novel for conveying anthropological information (Fernea 1989). Others have suggested ways to bring fictional strategies or the fictional material of a studied culture into the ethnographic text (Dennis and Ayocks 1989; Van Maanen 1993). Still others seem to have blurred the distinctions altogether. Dan Rose, for example, has envisioned “the dissolution of boundaries between literature, sociology, anthropology, critical theory, philosophy, cinematography, computer science and so on” (Rose 1993, 220) and called for “a polyphonic, heteroglossic, multigenre construction” (*Idem*, 218) to replace the old ethnography and anthropology. In effect, they all addressed the ways in which the language of social science fuses with that of the literary imagination.

In an insightful passage comparing the novelist with the ethnographer and the ethnographic novel with ethnography, Fernea writes,

The ethnographic novel had some advantages over the standard ethnography. The novelist need not shun conflict, anger, hatred, or passion, and may often become a participant in the drama of the novel in a way denied the ethnographer, who has in the past been at pains to observe carefully and not to become too involved. Such involvement, existentially or textually, has been seen to mar the scholarly value of the work and violate the code of objectivity by which the ethnographer/researcher has been expected to abide. It is the relative freedom of the novelist that makes this form so fresh a source of insight into the cultures of others. (Fernea 1989, 154)

Fernea seems to support the position which sees the novelist as a new ethnographer, someone who is free to get existentially and textually involved in the reality he or she describes. Such an involvement was denied to the old ethnographer, because it was believed to violate the code